

Educação e vinil no Instituto Federal do Pará: o projeto “História e cultura na agulha”

*Education and vinyl at the Federal Institute of Pará:
the “History and culture on the needle” project*

Tunai Rehm Costa de Almeida

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)
tunai.rehm@ifpa.edu.br

Jonas Fernandes Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)
costajonas059@gmail.com

RESUMO: Este trabalho foi elaborado a partir da experiência no projeto de pesquisa e extensão “História e cultura na agulha”, desenvolvido em 2022, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – *Campus Castanhal*. Nosso ponto de partida é o questionamento de como poderíamos envolver os alunos em um projeto a partir das discussões de História e Música no ensino promovidas por Katia Abud, Ronaldo Alves e André Silva, que permitiram compreender como ocorre o aprendizado dos alunos a partir da música. Ao propor tal diálogo, foi possível por meio da elaboração de vídeos, levar a discussão para além dos muros da instituição por meio das redes sociais do *Instagram e Youtube*.

Palavras-chave: Redes Sociais. Educação. Música.

ABSTRACT: *This work was elaborated from the experience in the research and extension project “History and culture on the needle”, developed in 2022 at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Pará – Campus Castanhal. Our starting point is the questioning of how we could involve students in a project based on the discussions of History and Music in teaching promoted by Katia Abud, Ronaldo Alves and André Silva, which allowed us to understand how students learn from music. By proposing such a dialogue, it was possible, through the elaboration of videos, to take the discussion beyond the walls of the institution through the social networks of Instagram and Youtube.*

Keywords: *Social Media. Education. Music.*

Este trabalho é um relato de experiências do projeto de pesquisa e extensão *História e Cultura na Agulha*, desenvolvido ao longo do ano 2022, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) – *Campus Castanhal*, a partir da vontade de relacionar música (especialmente discos de vinil) e o ensino de História e Sociologia para discentes do Ensino Médio. A música como objeto de estudo, especialmente entre os jovens, é um fator que pode tornar mais atrativos os conteúdos de História e Sociologia, além de explicitar o caráter multidisciplinar do saber. Os meios de divulgação escolhidos para comunidade foram *Youtube* e *Instagram*, redes sociais bastante utilizadas entre os adolescentes. Escolhemos períodos associados a dois movimentos artísticos – a Bossa Nova, de fins dos anos 1950 e início dos anos 1960, e a Jovem Guarda, em meados de 1965 e década de 1970 – e propusemos a análise dos discos desde a capa dos álbuns, as canções em suas letras e melodias, o contexto econômico, social e político da produção, além da comercialização, reprodução e recepção do público.

O projeto partiu das inquietações provocadas pela própria valorização do ensino das Ciências Humanas e das múltiplas possibilidades que ele pode oferecer. Segundo a Base Nacional Comum Curricular, destinada ao Ensino Médio, “é necessário oportunizar o uso e a análise crítica das novas tecnologias, explorando suas potencialidades e evidenciando seus limites na configuração do mundo atual” (BRASIL, 2018, p.549). Os usos das redes sociais se inserem na perspectiva de domínio e problematização do desenvolvimento tecnológico. O mecanismo encontrado por nós professores foi criar um projeto de extensão, mas que poderia ser facilmente aproveitado como de pesquisa.

Atualmente, a compreensão do papel social e pedagógico da música ganha espaço na academia como alternativa didática cada vez mais adotada por docentes nas salas de aula, em vídeos e interações na *internet*. Levamos esse processo para a aplicação no Ensino Médio quando do momento de complexificação do processo formativo de alunas e alunos com aprofundamento de diversos aprendizados feitos desde os anos finais do Ensino Fundamental, como conceitos e categorias que serão problematizados.

A professora Flávia Caimi (2006) publicou texto que, apesar de ter sido escrito há alguns anos, ainda possui relevância no debate educacional atual. Seu questionamento era: por que os alunos (não) aprendem História? Ela problematiza não unicamente o aprendizado dos discentes, como a própria formação dos professores e seus esforços na educação de alunos e alunas. A autora pontua críticas aos modelos educacionais que se prendem a aulas pouco dinâmicas e, portanto, pouco atrativas aos alunos, centralizadas – por vezes – no acompanhamento do livro didático, desconsiderando outras possibilidades didáticas.

Muitas iniciativas já foram desenvolvidas no Brasil, contribuindo para enriquecer as possibilidades de atuação no campo das relações de História, Sociologia, ensino e

música; entre eles, destacam-se propostas que lograram êxito como a experiência relatada pelo professor da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, Cleudir Moraes, por meio do projeto intitulado “A História em cantos: usando documentos musicais no ensino de História” cujo objetivo foi estreitar as fronteiras que insistiam “[...] em manter incômodo distanciamento entre conhecimento histórico e acadêmico e conhecimento histórico escolar” (MORAES, 2009, p.1-2). Assim, utilizou a música como objeto e documento associado à história como mecanismo de aprendizado por meio do ensino e da pesquisa.

A professora Priscilla da Silva Góes (2011) buscou lançar em sala de aula a proposta de aproximação entre a disciplina História e Música. Propõe a discussão e a apresentação de propostas que intencionam repensar e ampliar as práticas pedagógicas dos professores, lançando para os alunos informações acerca da riqueza cultural das produções musicais que podem ser inseridas nos livros didáticos do 8º Ano do Ensino Fundamental. Utilizando como exemplo os diferentes conteúdos debatidos ao longo do período escolar, e que são inseridos no material de estudo dos discentes, a professora se preocupa em analisar vários contextos históricos pontuando que devem ser lidos dentro de forma contextualizada, pois carregam consigo especificidades do momento vivenciado.

Ao refletir sobre as possibilidades e aplicação dos usos da música no ensino da História, Lucas Parreão Costa lança seu olhar especificamente para a realidade do Ensino Médio, tendo como objeto e documento histórico, a Canção Popular Brasileira. A intenção foi auxiliar o professor em práticas pedagógicas consistentes. Para isso, em sua metodologia, o autor considera a música como um objeto repleto de historicidade que requer certa preocupação quanto à capacidade leitora daquele que a analisa, pontuando que, por isso, a canção também será proposta como um instrumento de conscientização histórica dos próprios discentes (COSTA, 2019).

Uma questão de método

Com o desenvolvimento dos métodos de pesquisa, ou até mesmo do Ensino na área das Ciências Humanas, o documento histórico, quando analisado, não estaria mais circunscrito unicamente no campo oficial, mas também, absorvendo os mais diferentes tipos de fontes. Exemplo desta mudança é o uso de vestígios arqueológicos, inventários, cartas, quadros, livros, filmes, ou como na proposta deste projeto, vinis e, conseqüentemente, a música. A mudança de perspectiva em relação a documentação e o seu uso, seja no espaço de salas de aula ou até mesmo na produção de vídeos, promove a abertura de um amplo leque de possibilidades para o aprendizado e produção de conhecimento sobre os mais diferentes processos da História, que servirão como base e fundamento de nossa proposta.

A Lei de Diretrizes e Bases, que norteia as políticas públicas nacionais, define em seu artigo 2º que a Educação tem por finalidade o “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Sendo ela um dever da família e do Estado, é um dever de todos e todas buscar criar ambiente propício para o seu desenvolvimento oportunizado por meio de princípios, tais como, a “valorização da experiência extra-escolar”, ou ainda, a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1996). E, é nesse cenário que a disciplina História se envolve com a música, permitindo estimular alunas e alunos a não somente pesquisar como também realizar formas distintas de produção cultural, buscando sempre o desenvolvimento cognitivo, com o objetivo de formar cidadãos críticos que conhecem sua própria história e, portanto, a sociedade em que estão inseridos.

Buscamos propor aos discentes, por meio das disciplinas de História e Sociologia, que realizassem uma pesquisa tendo como processo inicial a análise de discos e suas músicas. Uma leitura, escuta e compreensão dentro de um recorte cronológico em que o processo histórico analisado por eles estaria circunscrito. Para isso, houve reuniões e discussões sobre textos acadêmicos oportunizando novos conhecimentos para o entendimento e complexificação na leitura de determinados contextos históricos. A fim de cumprir um dos papéis sociais que a música possui, os discentes foram estimulados a perceberem de que forma ela pode e deve funcionar como ponte entre as vivências singulares e coletivas do passado e de alunos e alunas nos tempos contemporâneos. A fim de orientá-los, tomamos como referência Katia Abud, Ronaldo Alves e André Silva para quem é papel do docente problematizar essa conexão cronológica articulando passado e presente e construindo uma forma de desenvolver e tornar crítica a “‘escuta’ musical do aluno em relação ao processo de construção do conhecimento histórico”. Faz-se necessário apresentar aos alunos diferentes formas de manifestação cultural vivenciadas em seus contextos históricos, sendo a música parte da construção desses processos (ABUD, ALVES e SILVA, 2010, p. 63)

Para isso, houve um trabalho de conscientização dos alunos quanto ao que inicialmente gostaríamos de discutir e partimos do que consideramos de questionamentos relevantes: O que são as Ciências Humanas? Qual a singularidade da História e da Sociologia enquanto Ciências? Quais as relações possíveis entre a História, Sociologia e a Música? E, por fim, compreender como a leitura do objeto vinil e as canções gravadas nele vão para além de suas composições, de modo que suas representações também foram alvo das problematizações buscadas junto aos alunos. Desenvolvemos, em conjunto com os participantes da pesquisa, a capacidade de análise crítica de documentos históricos (no caso, essencialmente, os discos), a compreensão dos discos como fruto de uma época e, portanto, a contribuição cultural do social para a produção destes vinis. Além disso, com os trabalhos apresentados em eventos, textos produzidos e vídeos lançados nas redes

sociais, houve estabelecimento de uma interação com a comunidade interna e externa do IFPA – *Campus Castanhal*.

Para a pesquisa e a produção de vídeos decidimos: primeiro, começar a compreender como se dá o processo da pesquisa em História em suas relações com a música e o vinil. Somente depois da discussão inicial, iniciamos os processos de produção de roteiros e produção de vídeos. Pretendíamos incentivar os discentes a tornarem-se mais participativos no processo da construção do conhecimento, instigando-os a desenvolverem ideias que tornassem mais complexa a realidade, além disso, que pudesse tornar mais dinâmico e atrativo o conteúdo a ser divulgado.

Ao tratar a música como documento, concordamos que deve ser pensada a partir do resultado da ação de agentes como “compositores, arranjadores, produtores, músicos e engenheiros de som”, sem perder de vista o papel exercido por “produtores, engenheiros e até empresários” (SOARES, 2014, p. 8). É possível acrescentar ainda o lugar ocupado pelas gravadoras que, durante o período que abordaremos, especificamente a segunda metade da década de 1960, os chamados anos dourados da Jovem Guarda, dominam o segmento.

Também foi discutido com os alunos o texto de José Geraldo Vinci de Moraes, em seu artigo *História e música: canção popular e conhecimento histórico*. O autor contribui para fazermos a problematização das composições e discorre acerca do processo de escolha de ritmos, notas musicais e toda a dinâmica de composição que “não ocorre nem se estabelece num vazio temporal” (MORAES, 2000, p. 211). Esclarece que todas as possibilidades de melodias e escalas em seus sons “são produtos de opções, relações e criações culturais e sociais, e ganham sentido para nós na forma de música” (MORAES, 2000, p. 211). Ao estabelecer tal perspectiva, compreendemos a música como produto de sujeitos, contexto e uma complexa rede de interesses que ultrapassam a simples escolha de sons e letras. Entendendo a música como fruto das experiências humanas, nos parece que seu uso como ferramenta de aprendizagem contribui para o entendimento da sociedade, questão importante para disciplinas das ciências humanas, tal como a Sociologia e História. Assim, partindo-se de um conhecimento, sobre os compositores e o período de produção e circulação da música, pode-se discutir sobre os meios utilizados para a sua difusão e ainda como esta foi recebida pelos ouvintes.

Por meio das ideias do historiador Marcos Napolitano, foi possível discutir e complexificar a análise da produção do vinil. Foram pensados os interesses da composição em todos os agentes envolvidos desde intérprete, instrumentistas, executivos de gravadoras, o diretor de estúdio, engenheiros de som, publicitários e marqueteiros, levando em consideração de que todos eles em alguma medida contribuem para a construção sonora e do resultado final em que a canção será lançada. A análise de letras musicais não pode ser a única preocupação para conhecer uma dada realidade histórica,

deve-se levar em consideração as figuras de linguagens presentes nas letras, o significado e o propósito para qual está sendo direcionada. A Música é a representação sonora e poética da realidade intelectual ou social vivenciada por aquele que a escreve (NAPOLITANO, 2007). Entendemos que ela e seu produto, os vinis (nosso objeto fundamental de estudo), podem contribuir para analisar e compreender as relações sociais do presente e do passado.

Ao escolher dois alunos do curso de Informática Integrado ao Ensino Médio, pretendíamos ter contato com jovens que já possuíssem a habilidade técnica para a produção de vídeos. Fora isso, também era necessário contar com o interesse de que ambos desejassem produzir pequenos vídeos que seriam inseridos nas redes sociais do projeto. Foram realizadas reuniões para definir como seriam as produções e os caminhos que deveriam seguir. Foi deliberado que a metodologia de produção seria dividida essencialmente em três etapas:

Roteiro: a produção dos roteiros foi a parte mais cuidadosa. Em vídeos sobre temas mais abrangentes, recolhemos informações de *sites* especializados e artigos científicos. Foi realizada uma pesquisa e leitura cuidadosa a fim de garantir a maior quantidade de conhecimento e informação que poderiam ser compartilhados nas reproduções. Assim, *sites* especializados, artigos e pesquisas acadêmicas serviram de base para escrever sobre cada tema determinado previamente.

Gravação: para a gravação, era necessário encontrar um lugar que cumprisse o ideal da proposta, isto é, houvesse uma ambientação onde o espaço fizesse referência a música, discos e afins. Para isso, foi solicitado ao proprietário da loja de discos Década Perdida, localizada na cidade de Castanhal, no estado do Pará, o uso do lugar. O termo Década Perdida faz referência a fama acerca da década de 1980 no Brasil, que a historiografia tratou de problematizar. Os discos representavam a forma física dos álbuns que foram produzidos no Brasil da década de 1960 até os dias atuais. Assim, o cenário das gravações teria como ornamentação os vinis, se apresentando como o pano de fundo ideal para a produção dos vídeos.

A falta de financiamento do projeto limitou a forma de produção, no entanto, não impediu o uso do potencial dos discentes. Exemplo disso, foi a câmera utilizada para as gravações. Ainda que fosse mais interessante um objeto com melhor resolução, foram utilizadas as câmeras de celular dos alunos que funcionaram a contento com a necessidade do momento. No momento de iniciar a gravação, os *smartphones* eram colocados na posição horizontal, visando ampliar o campo de visão do espectador. Esta tática tinha como intenção explorar o potencial do ambiente que serviria para apresentar informações visuais e estabelecer diálogo com o conteúdo abordado.

Edição: foi a última etapa da produção e demandou tempo, esforço e aprendizado por parte dos discentes. Incumbidos de realizar o processo de iluminação, alinhamento de áudio e imagens, cortes e recortes para o processo de composição das diferentes partes que fazem parte do todo. Em suma, os vídeos foram editados com o intuito de favorecer o entendimento do internauta, considerando que seriam disponibilizados na plataforma do *Youtube*, oportunizando o contato com mídias mais dinâmicas e de fácil compreensão. Para isso, foram utilizados três *softwares*: *Adobe Premiere*, utilizado na produção para dar conta das vinhetas; *Sony Vegas Pro 17*, usado para cortar, colorir e organizar os vídeos, além de incluir imagens, trilhas e efeitos sonoros; *Audacity*, usado para editar os áudios das gravações e reduzir ruídos que pudessem atrapalhar a narrativa do texto, além da equalização e normalização das ondas sonoras que favoreceriam a compreensão dos espectadores quanto ao conteúdo abordado.

História e cultura na agulha nas redes: uma proposta visual

Segundo Meller (2013), os discos de vinil têm sua origem na década de 1940, sendo criados visando a substituição dos então utilizados discos de cera, que giravam a 78 rotações por minuto (ficaram conhecidos como 78 rpm). Seu inventor foi o engenheiro norte-americano Peter Carl Goldmark e foi considerada uma verdadeira revolução para a indústria fonográfica. Constituído de um material plástico chamado policloreto de vinila – abreviando, vinil. Além de leve, era maleável e demonstrava ser resistente. Em sua época áurea, foi considerado como possuindo uma qualidade sonora superior quando comparado aos que se conhecia até então. Os *Long-plays* possuíam um tempo de gravação muito superior chegando a 30 minutos, o que facilitava o processo de reprodução musical (SOUZA, OLIVEIRA e CRISPIM, 2017).

Os discos entram no mercado brasileiro em meados dos anos 1950 e o primeiro grande movimento da música brasileira beneficiado com sua criação foi a Bossa Nova. No ano de 1958, foi lançado o álbum *Chega de Saudade* de João Gilberto, inaugurando aquele que se consolidaria como um dos maiores movimentos artísticos nacionais do século XX. A Bossa Nova possuía algumas características comuns entre os artistas, tal como, o foco criativo que retratava principalmente a cidade do Rio de Janeiro; em suas letras, contumazes temas como amor e as vivências cotidianas, arranjos e acordes mais complexos que podem ser entendidos a partir da formação musical dos compositores a exemplo do maestro Antônio Carlos Jobim ou poeta Vinicius de Moraes (VIDAL, 2008).

No Brasil, os anos da década 1950 foram marcados, no plano político, por um certo sentimento de euforia impulsionado pela política de industrialização do Brasil e a propaganda desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, o chamado presidente

Bossa Nova, como ficou conhecido (VIDAL, 2008). Segundo Meller (2013), este se beneficiou politicamente do clima de euforia do Brasil com os resultados de sucesso no esporte como Maria Esther Bueno no tênis, Eder Jofre no boxe, o título mundial da seleção brasileira de futebol, em 1958, além do aparecimento de Pelé para o mundo. Neste contexto, nascia na classe média alta carioca a Bossa Nova, inovando a partir de um estilo influenciado por elementos do *jazz* e samba, contribuindo para reconfigurar os rumos da música brasileira. Segundo Ruy Castro (2016), autor da obra *Chega de Saudade*, a Bossa Nova representou uma ruptura no cenário da chamada Era do Rádio nos anos 1930, 1940 e 1950, com o predomínio melodramático dos sambas-canção que descreviam desventuras e tristezas em suas composições, sempre interpretados em tom trágico com voz empostada.

A Bossa Nova existiu para além da música, a exemplo do que propõe a historiadora Camila Cornutti Barbosa (2008), que procura debater a história como contexto social e político de sua época. Para isso, ela faz uso de larga documentação como anúncios publicitários, materiais jornalísticos, capas de LP's, letras de canções, as melodias, assim como fotografias das personagens da Bossa Nova (BARBOSA, 2008).

Com o tempo, novos movimentos são criados no Brasil abrindo espaço para a inserção no mercado de novo estilo musical, a exemplo do que ocorreu em 1965 com a transmissão do programa televisivo “Jovem Guarda”, na TV Record de São Paulo (CASTRO, 2016). A apresentação ficava a encargo dos então jovens Roberto Carlos (destaque no cenário musical com sucessos como Louco por você, *Splish Splash* e *É proibido fumar*), Erasmo Carlos (que alavancou a carreira com o álbum *A Pescaria*) e Wanderléa (sucesso com o LP inaugural de título homônimo), alguns dos grandes nomes do movimento (MELLER, 2013).

O furor causado entre o público juvenil intitulou um verdadeiro movimento cultural que se expandiu para além dos televisores. As apresentações musicais tiveram uma forte influência de composições estadunidenses e europeias que faziam grande sucesso, tal como versões em português de músicas dos mesmos artistas, com temas líricos que destacavam tramas juvenis.

A Jovem Guarda representou um movimento em que a imagem se tornou ponto central de sua propagação. Teve participação na vestimenta utilizada na época, assim como, no modo de falar e agir. Os artistas eram ícones e seus álbuns fizeram imenso sucesso. Os discos possuíam uma composição entre imagem e conteúdo. A arte contida no material da capa do álbum representava um auxílio na compreensão da obra musical e dos objetivos com sua produção. Ela seria o instrumento usado para o primeiro contato do ouvinte com a obra, estabelecendo uma conexão entre a imagem e a sonoridade das músicas (VARGAS e BRUCK, 2020).

Os espectadores, então, passam a ter conhecimento acerca do movimento da Jovem Guarda como um todo. Compreender que as canções foram capazes de influenciar em modos de falar, vestir, tocar e viver. Por meio do incentivo à análise crítica das canções, mas também aos seus vínculos, o aluno pode ter uma maior facilidade de compreender que a música é um produto final de um processo e, para além, uma documentação de um determinado momento, que diz não somente sobre a música ou do artista em si, mas também contribui para compreender a sociedade em sua época e suas reminiscências que reverberam no mundo em que vivemos.

A televisão ganhava força como um veículo que alcançava um número cada vez maior de pessoas no país. Considerada uma mídia doméstica, era comum imaginar que as famílias a posicionassem no centro da sala de estar onde poderia ter a impressão da visita dos ídolos diariamente, tornando-se figuras próximas ao olhar do espectador. Ao se apresentar na programação, os artistas da Jovem Guarda utilizavam da informalidade como mecanismos de contraste em relação ao habitual uso de ternos e trajes de gala nos programas concorrentes, a exemplo de *Astros do Disco*. As imagens assistidas proporcionavam a propagação da moda que aportava no Brasil por meio dos modelos utilizados por venerados músicos do *rock* brasileiro. As vestimentas se popularizavam, tornando-se acessórios da moda e verdadeiros ícones de uma época, traços cruciais na fusão dos aspectos visuais e musicais ao longo da década de 1960, em uma sociedade que não estava mais apenas consumindo música, mas também um estilo de vida (PINTO, 2015).

Segundo Oliveira (2011), graças a estratégia de *marketing* de gravadoras, veículos de mídia e imprensa, o movimento Jovem Guarda conseguiu se relacionar com a moda juvenil. Mas foi na música que o movimento foi mais relevante, discos com grande número de vendas e relevância artística de cantores, compositores, produtores *etc.* Apesar de muito popular, ocorreu, principalmente por parte da imprensa, o fomento de discussões e suposta guerra entre aqueles que faziam parte de uma genuína Música Popular Brasileira contra a Jovem Guarda, fortemente influenciada por bandas europeias e estadunidenses (OLIVEIRA, 2011).

Por um lado, existiam nomes de expressão no cenário musical brasileiro, tais como Gilberto Gil, Chico Buarque ou Elis Regina, que traziam em suas composições aspectos de crítica de social e dos costumes, além da influência do samba e uma busca por uma brasilidade como principais temas líricos (GARSON, 2018). Por outro, a Jovem Guarda, que exaltava amores e juventude diante de uma crise política nacional. Essa disputa teve três episódios bastante simbólicos: uma “ofensiva” de Elis contra a Jovem Guarda, a passeata contra as guitarras elétricas e o *Manifesto do iê-iê-iê contra a onda de inveja*. Por meio deles, reconstitui como esses processos foram sendo desencadeados e seu alcance potencializado principalmente pela ação da mídia brasileira em jornais e revistas da época (GARSON, 2018).

Com a Jovem Guarda, destaca-se a introdução da guitarra elétrica na música brasileira (MELLER, 2013), afinal, este era um instrumento pouco integrado em grupos de época devido à sua representação ligada aos Estados Unidos. Graças à guitarra, a Jovem Guarda pôde inovar o cenário musical utilizando de um ritmo frenético, com poucos acordes e arranjos bem estruturados.

Partindo disso, entende-se que a atmosfera da Jovem Guarda se desligava das metáforas e dos trechos em tom mais sério que questionavam a sociedade da época, promovendo, assim, uma nova forma de usar e distribuir a música em veículos de massa para um novo público. Para levar aos espectadores a compreensão do movimento da Jovem Guarda, precisamos apresentar a proposta e fazê-los compreender como esse conteúdo se encaixa na perspectiva das disciplinas História e Sociologia.

Produtos do projeto

No fim, o que percebemos é que o projeto ultrapassou o que foi pensado inicialmente. Nossa perspectiva era apenas a criação de vídeos para a publicação nas redes sociais e a produção de artigo. No entanto, o desenvolver da pesquisa demonstrou envolvimento dos discentes e interesse sobre pesquisa. Ao propor discussões no campo teórico e metodológico da pesquisa, que envolve as relações entre História e Música, os discentes puderam desenvolver sua autonomia ao buscar informações e conteúdo para além do que foi indicado por meio das orientações.

Ainda que possamos admitir que o trabalho foi frutífero e seus resultados evidentes, alguns percalços se apresentaram em meio ao processo como um todo. Primeiro, o momento de paralisação de ações com a greve dos servidores públicos federais no ano de 2022. O fim da greve foi seguido por um mês de férias, o que criou certa distância com o projeto. No entanto, em sua retomada, os alunos se mostraram empenhados em tocar em frente participando de eventos e estudando os temas. Ainda assim, novos desafios surgiram com o interesse dos discentes pela prova do Exame Nacional do Ensino Médio e, como já cumpriam o terceiro ano de informática integrado ao Ensino Médio, houve um acordo. Assim, dedicaram-se aos estudos e participação no processo da prova. Com ela feita, retomamos o projeto que contou com a sua participação até as primeiras semanas do mês de janeiro.

Sobre o processo construído, foram realizados, como o planejado, encontros semanais para discutir textos de teor acadêmico e aperfeiçoamento da compreensão do tema e material disponibilizado na *internet* via redes sociais como *Youtube* e *Instagram*, conseguimos realizar minicursos e apresentação de trabalhos nos principais eventos do IFPA – *Campus* Castanhal, como Seminário Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, Cooperativismo e Economia Solidária (SICOOPES) e Seminário

Internacional de Linguagens, Culturas, Tecnologias e Inclusão (SILICTI), envolvendo a comunidade interna e externa do IFPA.

Junto aos alunos, o primeiro texto escrito foi “Da Bossa Nova à Jovem Guarda: a história na agulha”, como parte da programação do II SILICTI. Com ele, nossa preocupação estava em produzir um texto que refletisse sobre o projeto em seu período inicial, porém com alguns resultados. Nossa preocupação estava em despertar nos alunos do Ensino Médio o interesse pela leitura de fontes/documentos que pudessem contribuir para um novo olhar sobre o ensino e também da própria interpretação da sociedade que vivem. Dessa feita, os discentes vêm de uma tradicional abordagem com uso exclusivo do livro didático, pouco lúdica ou atraente e são levados a um aprendizado mais atrativo, tornando possível construir, debater, gerar discussões no intuito do processo de desenvolvimento cognitivo, além, é claro, da associação entre o ensino, a pesquisa e a produção cultural.

Apresentamos também o trabalho "Música e Ensino: a jovem guarda em sala de aula" no XV SICOOPES e na VI Feira de Ciência, Tecnologia e Inovação Social (FECITIS). Colocamos a eles a possibilidade de imaginar como poderia ser uma aula acerca da história do Brasil, tomando como ponto de partida o movimento cultural da Jovem Guarda. Nesta medida, representava uma alternativa para o ensino acerca do tema “movimento cultural da Jovem Guarda”, nas aulas de História. Nossa preocupação estava em justificar tal proposta, demonstrando a relevância social, econômica e cultural que movimentou a sociedade em sua época, deixando marcas com reminiscências sentidas até os tempos mais contemporâneos. No fim, pela proposta, o seu entendimento permitiria oportunizar aos alunos mecanismos para estabelecer conexões entre o passado e presente que favoreçam o desenvolvimento do pensamento crítico. Para além, oferecer uma perspectiva de aprendizado que foge ao tradicionalismo das aulas meramente expositivas em que alunos, por vezes, se assemelham a receptáculos de conteúdo.

Nós, professores do projeto, desenvolvemos o minicurso no II SILICTI: “Bossa Nova e Jovem Guarda ao som do Vinil: história e cultura na agulha”. Nele, buscamos desenvolver possibilidades e lançar luz sobre discussões já existentes de como compreender a história do Brasil partindo do vinil e sua produção musical no contexto dos movimentos culturais da Bossa Nova e Jovem Guarda. Mais do que isso, intencionamos levar os espectadores a refletir sobre como a análise dos discos nos possibilitam compreender a própria época vivenciada.

Já no final do ano de 2022, lançamos uma proposta no evento interno do IFPA, a XI Semana de Integração em Ciência, Arte e Tecnologia (SICAT), “O Vinil como recurso pedagógico: pesquisa e extensão ao som do *long-play*”. Possuindo como objetivo lançar o debate sobre como os discos, chamados de *long-play*, são frutos de processos históricos e como a sua escuta e análise contribuem para compartilhar e proporcionar aos discentes

uma diversificação nos mecanismos de aprendizado em disciplinas como História e Sociologia. A apresentação rendeu aos discentes participantes do processo, a premiação de segundo colocado como melhor trabalho na área Multidisciplinar do evento, que corresponde a Física, Química e História.

Já nas redes sociais, foram criados dois canais de comunicação com os internautas. Primeiramente, foi lançado na plataforma *Youtube* o canal **História e Cultura na Agulha**. Com a intenção de levar ao grande público, interno e externo a comunidade do IFPA – *Campus* Castanhal, o conhecimento adquirido na pesquisa. Até o presente momento, o canal possui seis vídeos publicados, 347 inscritos e mais de quinze mil visualizações. Ele ainda está ativo e pode ser acessado por meio do link: <https://www.youtube.com/channel/UCyLXdSdpaPjGp7xpTyBzeaw>.

Além da plataforma *Youtube*, foi utilizado o *Instagram*, também com título homônimo do projeto. Nele, foram postados cortes dos vídeos, curiosidades acerca da música e do projeto, além de imagens que pudessem ascender a curiosidade dos internautas. Até o momento, foram 17 publicações e 130 seguidores. Ele pode ser acessado por meio do aplicativo @agulhahc, basta fazer o cadastro na rede social.

Apesar das dificuldades encontradas, o trabalho realizado junto aos alunos demonstrou que a educação pode ser ao mesmo tempo crítica e prazerosa. Um projeto que nasceu com o intuito de atuar somente no campo da Extensão, ganha também caráter de Pesquisa com várias apresentações de trabalho e publicações em anais de eventos. O contato por meio das discussões e debates com os discentes, nos fez enxergar possibilidades que não víamos antes e, ao mesmo tempo, compreender seus interesses e perceber que ao longo do projeto, eles construíram muitos caminhos de maneira autônoma.

Referências

ABUD, K. M.; ALVES, R. C.; SILVA, A. C. de M. **Ensino de História**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2010.

BARBOSA, C. C. **A bossa nova, seus documentos e articulações: um movimento para além da música**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2637>. Acesso em: 12 maio 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

CAIMI, F. E. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Tempo**, Niterói, RJ, v. 11, n. 21, p. 17-32, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/ng5vPksgkCHS_vgWYmZsnh5t/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12 maio 2023.

CASTRO, R. **Chega de saudade**: a história e as histórias da Bossa Nova. 4. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016.

COSTA, L. P. Música no ensino de História: a canção popular brasileira como documento em sala de aula. **Música Popular em Revista**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 153-179, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/13166>. Acesso em: 12 maio 2023.

GARSON, M. Jovem Guarda *versus* MPB: a construção midiática da guerra. **Revista Famecos**, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 3, p. 1-21, set./out./nov./dez. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/29728>. Acesso em: 12 maio 2023.

GÓES, P. da S. A utilização da música nas aulas de História com os alunos do 8º Ano. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 5., 2011, São Cristóvão, SE. **Anais eletrônicos...** 2011. p. 1-11. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2goes_artigo.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.

MELLER, L. Proposta de implantação da disciplina “História da Música Popular Brasileira”: conteúdo, metodologia, bibliografia. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal, RN: ANPUH, 2013. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548874921_d8b6c000609064f67b688480d770857c.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

MORAES, C. da C. A História em cantos: Música Popular Brasileira na pesquisa e no ensino da História. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, CE: ANPUH, 2009. p.1-10.

MORAES, J. G. V. de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, SP, v. 20, n. 39, p. 203-221, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/XLhxY7yFhNTGVyXSywwpcDm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2023.

NAPOLITANO, M. História e Música Popular: um mapa de leituras e questões. **Revista de História**, [S.l.], v. 157, p. 153-171, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19066>. Acesso em: 12 maio 2023.

OLIVEIRA, A. M. de. **A Jovem Guarda e a indústria cultural: análise da relação entre o movimento Jovem Guarda, a indústria cultural e a recepção de seu público**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2011.

SOARES, N. S. A pesquisa em História e Música. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 19., 2014, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora, MG: ANPUH, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1400552409_ARQUIVO_APe_squisaemHistoriaeMusica.pdf. Acesso em: 12 maio 2023.

SOUZA, E. I.; OLIVEIRA, D. A.; CRISPIM, P. V. Discos de vinil como artefato de memória e informação: o processo de organização e disseminação do acervo fonográfico do memorial Denis Bernardes. **Archeion Online**, João Pessoa, PBH, v. 5, número especial, p. 22-33, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/14755>. Acesso em: 12 maio 2023.

VARGAS, H.; BRUCK, M. Memória visual e representação do *rock* e da jovem guarda nas capas de discos (1959-1970). **E-Compós**, [S.l.], v. 23, jan./dez, 2020, p. 1-26. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2007>. Acesso em: 12 maio 2023.

VIDAL, E. de O. **As capas da Bossa Nova: encontros e desencontros dessa história visual (LPs da Elenco, 1963)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2936/1/erickdeoliveiravidal.pdf>. Acesso em: 12 maio 2023.